

TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE: QUAL LUGAR PARA A SEXUALIDADE?

Christophe **DEJOURS**

A Teoria Crítica é movida por um interesse declarado pela emancipação. No decorrer dos anos 30, ela se interessou, notadamente sob a influência de Max Horkheimer, e com o apoio de Erich Fromm, pela questão da submissão à autoridade, que constitui um obstáculo maior no caminho para a emancipação. “Horkheimer dedica grande parte de sua atenção aos processos de socialização que fazem com que os indivíduos se identifiquem às diferentes formas de autoridade e renunciem à construção de uma concepção coerente da sociedade e de seus conflitos. Ele sustenta, em particular na grande pesquisa *Estudos sobre autoridade e família* (1936)¹, que a consciência de classe dos trabalhadores tem de superar obstáculos numerosos antes de poder se afirmar como consciência solidária, ultrapassando a luta de todos contra todos. A consciência de classe revolucionária não lhe aparece, como a Lukács, sob os traços de uma consciência potencial que precisa apenas se atualizar, mas antes como o difícil ponto de culminância, jamais dado antecipadamente,

¹ Cf. Max Horkheimer, Erich Fromm, Herbert Marcuse. *Studien über Autorität und Familie. Forschungsberichte aus dem Institut für Sozialforschung*. Lüneburg, Klampen Verlag, 1936.

de um longo trabalho da classe operária sobre si mesma, que nenhum partido pode realizar em seu lugar”². Para analisar as contradições entre indivíduo e sociedade, Horkheimer confere um lugar essencial à psicanálise no centro da Teoria Crítica da sociedade. Pode-se dizer o mesmo de Theodor W. Adorno e de Herbert Marcuse.

A questão que eu gostaria de abordar é aquela das interpretações ou versões que os diferentes autores citados fazem da psicanálise. Ou, para dizer de outro modo, aquilo que esses diferentes autores tomam da psicanálise para as necessidades da Teoria Crítica. Não me deterei no uso feito da psicanálise por Jürgen Habermas, que se apropria dela principalmente como instrumento epistemológico para a crítica do positivismo elaborada em *Conhecimento e interesse*, “onde ele [Habermas] confronta tanto as ciências empírico-analíticas da natureza quanto as ciências hermenêuticas da história. Ele opõe à autoconsciência objetivista destas ciências um modelo de autorreflexão (*Selbstreflexion*) inspirado pela cura analítica”³. Bernard C. Flynn analisa detalhadamente o modo como Habermas se utiliza da psicanálise *como modelo da abordagem crítica*, em um artigo intitulado: “*Reading Habermas Reading Freud*”⁴. Mas Habermas abandona a psicanálise no que concerne à *teoria do sujeito*, preferindo, por fim, uma psicologia do desenvolvimento que se apoia, notadamente, em Jean Piaget.

² Jean-Marie Vincent, “Horkheimer”, in Denis Huisman (sob a direção de), *Dictionnaire des philosophes*. Paris, PUF, 2009, p. 908.

³ Louis Carré et Raphaël Alvarenga, “Théorie critique”, in Vincent Bourdeau e Roberto Merrill (organização). *Dicopo. Dictionnaire de théone politique*, 2008, disponível em www.dicopo.fr

⁴ Bernard C. Flynn, “Reading Habermas Reading Freud”, in *Human Studies*, n° 8, 1985, pp. 57-76.

Axel Honneth, por sua vez, volta-se à psicanálise e reavalia os caminhos teóricos tomados por seus predecessores. Segundo Katia Genel “Honneth é levado a reavaliar a importância de Fromm; [...] ele retoma a ideia segundo a qual a teoria das pulsões é mais problemática do que útil para a filosofia social – sua teoria intersubjetiva se apoia em outras fontes, notadamente na psicanálise da relação de objeto de Donald W. Winnicott”⁵. Eu acrescentaria as referências à comunicação interpessoal de Hans W. Loewald⁶.

De sua parte, Inara Marin insiste na contribuição essencial de Wilhelm Reich e na proximidade inicial entre Reich e Fromm. O que ela enfatiza é, principalmente, a importância da discussão sobre o narcisismo. Segundo ela, Freud confere um lugar fundamental a “uma tensão entre a realização do indivíduo e as exigências do coletivo”. É a explicitação desta tensão que, diz ela, nós chamamos de “diagnóstico de Freud, que fornece a chave [...] para colocar em evidência um potencial crítico da psicanálise. [...] Pensamos que a releitura do narcisismo, como fator estruturante do capitalismo monopolista, e a questão de suas relações com sua superação prática [constituem] a tarefa que a Teoria Crítica se coloca a partir dos anos 1930”⁷.

Reich é o único entre os autores citados que sustenta a centralidade da sexualidade, primeiramente para a teoria freudiana

⁵ Katia Genel, “L’approche sociopsychologique de Horkheimer, entre Fromm et Adorno”, in *Asterion*, n° 7, 2010, disponível em www.asterion.revue.org.

⁶ Axel Honneth, “Théorie de la relation d’objet et identité post-moderne. A propos d’un prétendu vieillissement de la psychanalyse”, in *La Société du mépris. Vers une nouvelle Théorie critique*, Paris, La Découverte, 2008, pp. 325-348

⁷ Inara Luisa Marin, *Narcissisme et reconnaissance. Les aléas de Psychanalyse dans la théorie critique*, Tese de Doutorado, Université Paris VII, 2009, pp. 19 e 51.

e, depois, para a Teoria Crítica. Ele se apoia fundamentalmente sobre a teoria da libido e faz um avanço considerável na teorização do caráter e da técnica analítica a fim de desfazer a couraça do caráter pela cura. Para Reich, os obstáculos postos pela sociedade à função do orgasmo estão na origem da formação da couraça do caráter e da reivindicação narcísica (que se exemplifica naquilo que ele descreve sob o nome de “caráter narcísico-fálico”)⁸.

Reich, Horkheimer, Adorno e Marcuse têm em comum a defesa da irredutibilidade da herança freudiana, sustentando em seu interior a importância da libido, da teoria das pulsões e do narcisismo, e a oposição ao “revisionismo” que constitui a virada culturalista representada por Fromm, Horney e Sullivan. Mas, entre estes quatro autores, o lugar concedido à sexualidade propriamente dita é muito diferente. Em Reich, ela ocupa um lugar central. Para ele, a pulsão sexual é tão-somente biológica, e ele recusa o dualismo pulsão de vida/pulsão de morte; ao passo que, para Horkheimer, “as pulsões pretensamente a-históricas

⁸ No capítulo V de seu livro *A função do orgasmo*, Reich estuda “o desenvolvimento da técnica de análise do caráter”. Ele escreve: “Toda forma de neurose tem uma perturbação genital correspondente.” Reich as descreve através de quatro grupos: 1) as mulheres histéricas e os homens histéricos; 2) as neuroses compulsivas; 3) as neurastenias; e, por fim, “um quarto grupo se compõe de homens que, por medo à mulher e para afastar fantasias homossexuais inconscientes, são ereticamente superpotentes. Precisam demonstrar constantemente a si mesmos que são potentes, usando do pênis como de um objeto penetrante, acompanhado de fantasias sádicas. São homens fálico-narcisistas, sempre presentes entre os oficiais de tipo prussiano, os conquistadores baratos e os tipos compulsivamente autoconfiantes. Todos eles têm sérias perturbações orgásticas. O ato sexual é apenas uma evacuação, seguida de uma reação de desgosto. Esses homens não amam a mulher – servem-se dela. Entre as mulheres, o seu comportamento sexual cria profunda aversão ao ato sexual.” Wilhelm Reich, *A função do orgasmo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1975, pp. 85-86.

são em realidade constituídas socialmente e historicamente”⁹ graças a um processo que passa pela família e, sobretudo, pelas “novas formas de autoridade resultantes da decomposição da própria autoridade familiar”¹⁰.

Para Marcuse, “o conteúdo da teoria psicanalítica se situa inteiramente no nível de um conflito entre uma natureza e uma sociedade que a reprime”. “Aquilo que Marcuse suprime no pensamento psicanalítico é importante: é nada menos do que o fundamento da teoria da sexualidade, tal como ela se afirma nesta obra central e constantemente revista, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. É a ideia absolutamente nova de que, no homem, a pulsão sexual surge por desqualificação, por desvio do instinto ou da “função”; de que, do mesmo movimento, a pulsão se encontra envolvida em uma rede de fantasmas advinda da fantasmática familiar e organizada em torno do próprio corpo e de suas zonas “erógenas”; fantasmas que, de uma vez por todas, dão forma à vida pulsional de cada indivíduo”¹¹. Esta citação foi extraída de *Notas sobre Marcuse e a psicanálise*, artigo publicado em 1969 por Laplanche, que analisa de modo aprofundado a maneira pela qual Marcuse trata da psicanálise em *Eros e civilização* e, de modo auxiliar, em *O homem unidimensional*.

Para fazer justiça a Marcuse, contudo, notemos que, criticando a concepção que Fromm propõe do amor (“um epíteto do amor” diz Marcuse), ele escreve: “Compara-se com

⁹ Katia Genel, *op. cit.*, §12.

¹⁰ *Ibidem*, §15.

¹¹ Jean Laplanche, “Notes sur Marcuse et la psychanalyse”, in *Le Primat de l'autre en psychanalyse. Travaux 1967-1992*, Paris, Flammarion, 1997, pp. 59-88.

esta formulação ideológica a análise freudiana do terreno e dos alicerces instintivos do amor, do longo e penoso processo em que a sexualidade, com toda a sua polimórfica perversidade, é domada e inibida, até se tornar, finalmente, suscetível de fusão com a ternura e a afeição – uma fusão que se mantém precária e que nunca supera por completo seus elementos destrutivos”¹²

Por que insistir nos debates concernentes à psicanálise, à teoria das pulsões e à sexualidade feitos por esses autores? Porque, para retomar os termos de Katia Genel, “a divergência [entre eles] concerne à concepção de subjetividade e, de modo mais geral, ao fundamento antropológico da dominação. [...] A psicanálise radicaliza a antropologia que funda a teoria crítica da dominação em uma antropologia das pulsões. A psicanálise permite a produção de um diagnóstico antropológico [...], modificando em contrapartida a teoria da sociedade”¹³.

A psicanálise, e mais precisamente a teoria das pulsões de Freud, faz efetivamente uma leitura específica da relação dominação/alienação. Se, com Freud, se admite a centralidade da sexualidade na teoria do sujeito, então a dinâmica alienação/emancipação assume uma forma totalmente diferente de quando a sexualidade é atenuada ou marginalizada na teoria. Minha intenção se situa mais ou menos no rastro da crítica formulada por Adorno contra os “revisionistas” (Karen Horney é a principal adversária apontada) no texto “A psicanálise revisada”, uma conferência realizada em 1946 na Sociedade psicanalítica de

¹² Herbert Marcuse, *Eros et cvilisation. Contribution à Freud*. Paris, Minuit, 1963, p. 227. (Tradução brasileira: Herbert Marcuse, *Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978, p. 224)

¹³ Katia Genel, *art. cit.*, §14 e 23.

São Francisco¹⁴.

Após a famosa asserção: Freud “tinha razão onde ele não tinha razão” (com relação a seu “atomismo psicológico”, no qual, entretanto, se faz uma análise potente da alienação humana), Adorno escreve sobre os revisionistas: “Se nessa existência a psicologia se torna humana ou sociável (...) então ela empresta um brilho humano a uma realidade inumana. Aqueles pensadores sombrios, que insistiram na maldade e na impossibilidade de melhoramento da natureza humana e denunciaram de forma pessimista a necessidade de autoridade - aqui Freud situa-se ao lado de Hobbes, Mandeville e Sade -, não podem ser rejeitados comodamente como reacionários”¹⁵. O pessimismo de Adorno vai talvez ainda mais longe do que o de Freud, se nos referirmos ao seu livro de 1966: *Dialética negativa*.

Eu gostaria, no que me concerne, de partir do ponto irreduzível que remete aos argumentos fundantes do pessimismo tanto de Freud quanto de Adorno, uma vez que este último reconhece na teoria da sexualidade *strictu sensu* a origem das dificuldades: “Quando Horney concebeu esta teoria do sadismo, que o dilui em um modo de comportamento puramente social, a política fascista de aniquilação forneceu a prova brutal para a identidade entre os esforços pelo poder supostamente apenas sociais e os impulsos sexuais, e precisamente o obscurecimento dessa identidade muito contribuiu para o desencadeamento

¹⁴ Theodor W. Adorno, “A psicanálise revisada”, in *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015, pp. 43-69.

¹⁵ *Ibid*, p. 39. (Tradução brasileira, p.63)

da barbárie”¹⁶.

Reconhecer o obstáculo da sexualidade por um lado, e, por outro, reexaminar esta teoria da sexualidade em um esforço renovado, com vistas a retomar a análise das condições de possibilidade da emancipação, tal é o objetivo que me proponho. Em sua leitura de Freud, desenvolvida durante 50 anos, Jean Laplanche atribui um papel central à sexualidade na teoria do sujeito. Apoiando-me sobre esta leitura, que encontra sua síntese na Teoria da Sedução Generalizada, gostaria de desenvolver algumas questões que me parecem interessantes para propor a Axel Honneth que esclareça o que, segundo ele, constitui o núcleo duro da antropologia ou da teoria do sujeito que uma teoria social crítica necessita para fundar uma concepção da dinâmica alienação/emancipação.

A centralidade da sexualidade tem, principalmente, três incidências maiores no debate com a Teoria Crítica: a primeira é o caráter *amoral da sexualidade* infantil; a segunda relaciona-se à intersubjetividade que, na “situação antropológica fundamental”, se traduz pelo primado da *relação dominação/alienação* no devir humano; a terceira (indiretamente) é uma releitura/reinterpretação das relações entre o indivíduo e a sociedade, que substitui a teoria da ideologia ou do reflexo, a teoria da interiorização do social e aquela da família como mediadora da sociedade, pela teoria da “*atribuição*”.

A quididade da sexualidade

Na Teoria Crítica, a irredutibilidade da pulsão é relacionada

¹⁶ *Ibid*, p. 28. (Tradução brasileira, p.54)

com maior frequência à teoria freudiana de 1920 e ao lugar que esta atribui à pulsão de morte como obstáculo à emancipação – esta última sendo concebida como formação de uma vontade coletiva solidária. Mais amplamente, levanta-se a questão das relações entre a pulsão de morte e a cultura. À partir deste fato, tende-se a subestimar que a teoria das pulsões de Freud é, primeiramente, destinada a explicar a sexualidade humana, e que a pulsão é, antes de tudo, pulsão sexual (*As Pulsões e seus Destinos*). De modo que, para Laplanche, a psicanálise é primeiramente e fundamentalmente “a teoria” da sexualidade humana. Se podemos dizer que Freud descobriu a centralidade da sexualidade na formação das condutas humanas, é porque a sexualidade cujos destinos ele estuda é, antes de tudo, uma sexualidade *infantil*.

A sexualidade infantil se diferencia da sexualidade em geral de três maneiras: primeiro, ela está presente desde a primeira infância, mesmo quando os órgãos genitais não possuem sua forma adulta e as glândulas endócrinas implicadas na reprodução não são funcionais. A sexualidade infantil não é, deste modo, de origem biológica, mas inteiramente de natureza fantasmática. Mesmo se o corpo está implicado na economia erótica, o está como zonas erógenas que contribuem à formação do corpo erógeno, e não como instinto de reprodução. Em segundo lugar, se a sexualidade infantil não é determinada pelos órgãos e pelos hormônios sexuais e, em outros termos, se ela não é endógena, é porque ela é desencadeada, ou mesmo provocada na criança a partir do exterior, pela relação com o outro. Por fim, a sexualidade infantil é, segundo os próprios termos de

Freud, perversa e polimorfa, o que nos remete precisamente, na teoria, às pulsões parciais. Estas últimas nascem das zonas erógenas e procuram a satisfação sexual cada uma por sua própria conta, de maneira autocentrada, utilizando o corpo do outro, e mesmo o próprio corpo, como um meio colocado a serviço de uma meta pulsional estritamente egocêntrica. A busca da excitação sexual, dessa forma, é desvoluta e impertinente tanto para o outro como para si mesma e pode chegar a ameaçar a conservação de ambos. A pulsão sexual infantil ignora a autoconservação.

Estas características da sexualidade infantil perduram ao longo de toda a vida; sua associação com a ternura, de modo a formar a vida amorosa adulta (o amor pelo outro, assim como o amor de si), constitui um objetivo de segunda intenção, passando por combinações complexas que, ademais, permanecem sempre precárias¹⁷.

Destas características, segue-se que a sexualidade infantil, que é a fonte de todas as condutas humanas, é fundamentalmente amoral e egocêntrica. Seu tropismo em direção ao excesso, ao transbordamento ou à irrupção, vem de sua essência fantasmática e do caráter insaciável e ilimitado da fantasia (contrariamente ao instinto de reprodução dos animais, que é limitado e cíclico).

¹⁷ Sigmund Freud, “Du rabaissement généralisé de la vie amoureuse”, in *Contributions à la psychologie de la vie amoureuse*, Paris, PUF, 2011, p. 131 (Na tradução brasileira: “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa”, in *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos: (1909-1910)*. Trad. Paulo César de Souza. (Obras completas, vol. 09) São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013 pp. 272-273).

Sexualidade e sociedade

A sexualidade e as pulsões são amorais e egocêntricas. Em outras palavras, a referência à sexualidade não é neutra axiologicamente. A antropologia freudiana sugere, portanto, que as pulsões não conduzem o ser humano para a vida em sociedade, nem para a vida conjunta e para a solidariedade. As pulsões sexuais engendram, antes, o egoísmo e a rivalidade entre os seres humanos para gozar os prazeres terrestres, levando ao ódio, à violência e à morte na luta pela posse dos objetos de prazer.

Se, contudo, os seres humanos fazem sociedade, não é por causa de suas pulsões sexuais, mas por causa da necessidade. Não é por desejo, mas por obrigação¹⁸. Mas como se poderia compreender a obrigação, a premência, a necessidade da ajuda do outro para sobreviver, se é verdade que no princípio de todas as condutas humanas há sempre as pulsões sexuais advindas da sexualidade infantil? A resposta de Freud consiste em reconhecer que a sociedade não seria possível sem alguma modificação, desvio, ou mesmo amputação das metas pulsionais; além de

¹⁸ “Com efeito, quando a pulsão sexual irrompe como ímpeto reprodutivo, é necessário que a sociedade tenha entre suas tarefas educativas mais importantes a de domá-lo, restringi-lo, submetê-lo a uma vontade individual que seja idêntica ao mandato social (...) Não fosse assim, a pulsão romperia todos os diques e arrastaria em sua torrente a obra penosamente edificada da civilização. A tarefa de domá-lo nunca é fácil; ela é ora insuficiente, ora demasiada. A motivação da sociedade humana é, em última instância, uma motivação econômica: como ela não dispõe de gêneros alimentícios suficientes para a manutenção de seus membros sem que eles precisem trabalhar, é necessário limitar o número desses membros e desviar sua energia da atividade sexual para o trabalho. Trata-se, desde sempre, dos primórdios até os dias atuais, daquilo que a vida impõe como necessidade”. Em *Œuvres complètes. Psychanalyse*, volume XIV, Paris, PUF, 2001, pp. 322-323 (tradução brasileira: *Conferências introdutórias à psicanálise* [1915-1917] (Obras completas, v. 13). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014).

recorrer à inibição quanto à meta sexual, à reversão contra a própria pessoa, à reversão em seu oposto, ao recalque, à sublimação¹⁹. Ademais, Freud sustenta que a própria cultura é construída sobre a renúncia à satisfação sexual da pulsão (*Triebverzicht, Befriedigungsverzicht*), ou seja, sobre o sacrifício da pulsão (*Triebopfer*).

Formar sociedade, contribuir à cultura e lutar pela emancipação são indubitavelmente derivações da sexualidade, mas não são inclinações espontâneas do ser humano, em razão das características da sexualidade infantil e da pulsão. A emancipação e a formação de uma vontade solidária, caras a Horkheimer, supõem previamente uma explicação da gênese do senso moral a partir das pulsões sexuais. Muitos autores, em particular Marcuse, consideram que a instância moral, o Super-eu, resulta da interiorização de interdições sociais. Outros, como Fromm e Horkheimer, se interessam particularmente pela família como mediação entre as interdições sociais e o indivíduo. Ora, mesmo Freud não se propõe a falar propriamente de uma teoria do *senso moral*. Ele elabora essencialmente uma teoria dos sentimentos morais – a culpabilidade, a vergonha, o remorso, a necessidade de punição.

Além disso, como enfatiza Laplanche²⁰, os sentimentos

¹⁹ Cf. Sigmund Freud. *Pulsions et destins des pulsions*. Paris, Payot, 2012 (tradução brasileira: “Os instintos e seus destinos” in *Introdução ao narcisismo, Ensaios de metapsicologia e outros textos: 1914-1916* (Obras completas, v. 12) Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2014, pp. 38-60). (Adotamos a tradução brasileira de Paulo César de Souza, mas optamos por traduzir *Trieb* por “pulsão” e não por “instinto”, N. dos E.)

²⁰ Jean Laplanche, “L’angoisse morale”, in *Problématiques*, tomo I, *L’angoisse*, Paris, PUF, 1981, pp. 268 e seguintes. (tradução brasileira: “*Problemáticas I: a angústia*”. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1987)

morais não constituem um senso moral, e o próprio Super-eu dificilmente é moral quando nos referimos às situações clínicas, em particular à neurose obsessiva e à melancolia. Ao contrário, essas últimas ilustram bem as tendências ao excesso que subjazem ao funcionamento do Super-eu e que o levam, por vezes, a lançar-se contra o Eu, e até mesmo levá-lo à morte, como na melancolia. A própria culpabilidade não deixa de ser problemática no plano axiológico. Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud explica, ao final de seu texto, que o respeito da criança às proibições enunciadas pelos pais resulta, em última instância, de uma resignação ou de um consentimento para obedecer por medo de perder o amor dos pais. O modelo da moralização da criança não é, no fim das contas, outra coisa do que o medo de estar sozinho!

Quanto às identificações – realizadas, de fato, pelas pulsões sexuais –, elas contribuem à formação do ideal do Eu, mas este último também pode ser posto a serviço da identificação ao *leader*, para causas às vezes destinadas ao pior, tal como sugere *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Se, então, uma genealogia do senso moral é possível a partir da pulsão, dela resulta algo diferente do que os sentimentos morais, que são, antes, no aparelho psíquico, o selo deixado pela fidelidade e pela impossibilidade do indivíduo se libertar dos laços infantis com as imagos parentais. Eles são, assim, axiologicamente suspeitos, de modo que é preciso procurar a origem da autonomia moral subjetiva, se ela for possível, em outro lugar. Voltarei a este ponto mais adiante.

Intersubjetividade, teoria da sedução e situação antropológica fundamental

A centralidade da sexualidade na antropologia psicanalítica freudiana tem outras implicações para a análise da intersubjetividade. Se a sexualidade infantil não tem origem biológica e não é endógena, então ela é trazida do exterior para a criança. Laplanche esforçou-se por fornecer uma análise circunstanciada da intersubjetividade como primeira, sob o nome de “Primado do outro”. Sua análise se dá, primeiramente, por meio de um debate crítico com a obra de Freud, que é hesitante sobre este ponto. A hesitação de Freud entre o primado da intersubjetividade e o primado do solipsismo é caracterizada por Laplanche como uma “revolução copernicana inconclusa” – ou ainda como o *ptolomeísmo* de Freud. Por fim, Freud pende para o desenvolvimento endógeno da sexualidade, o que Laplanche designa sob o nome de “desvio biologizante da sexualidade em Freud”.

Sustentar esse primado do outro na origem da sexualidade infantil supõe identificar de antemão uma base material e natural capaz de fazer surgir a intersubjetividade. Laplanche a encontra nas bases biológicas ou instintivas de uma comunicação primeira entre a criança e o adulto, que foi descrita pelos etólogos sob o nome de apego²¹. O instinto de apego que leva o corpo da criança ao corpo do adulto em busca de calor e do contato da pele é a “onda portadora” da comunicação da criança com o adulto. Aos gestos da criança, o adulto responde, também

²¹ Cf. Harry F. Harlow, “The Development of Affectional Patterns in Infant Monkeys”, in *Determinants of infant behaviour*, Vol. I, London, Methuen, 1967/1969.

sob uma base instintiva, com um comportamento reativo de tomá-la em seus braços, prolongando-se em comportamentos de cuidado, que Bowlby designa por *retrieval*.

Essa comunicação primitiva se efetua no registro da autoconservação. No começo, ela não é sexual. Mas, por ocasião desses comportamentos de cuidado, o adulto não pode evitar a infiltração de fantasmas e de moções pulsionais sexuais. Ele não pode se manter estritamente na dimensão instrumental do cuidado, ou seja, nos gestos higieno-dietéticos, porque ele é um adulto dotado de um inconsciente sexual recalcado. De modo que, em reação à mensagem auto-conservativa da criança, o adulto responde com uma mensagem que não é estritamente auto-conservativa, mas contaminada por seu inconsciente sexual. É o que Laplanche caracteriza pelo termo de mensagem enigmática (ou seja, afetada por um comprometimento com a sexualidade).

Sobre isto, Laplanche fala de uma *implantação* da mensagem enigmática, ou seja, da introdução na criança de um conteúdo sexual que vem do *outro*, na medida em que este outro é um *adulto*. Ora, essa mensagem enigmática, assim implantada na criança, tem um poder excitante sobre ela. Por conseguinte, é o adulto que excita a criança e é o adulto que atrai a criança para a sexualidade, de modo que o ele, *nolens-volens* [querendo ou não], age sempre como sedutor da criança a quem dedica seu cuidado. Freud, afinal, identificou isto precisamente: “O ‘carinho’ dos pais e pessoas que cuidam da criança, que raramente nega sua natureza erótica (‘a criança é um brinquedo erótico’), ajuda bastante a elevar, na criança, as contribuições do erotismo aos

investimentos das pulsões do Eu²² (as pulsões do Eu são a segunda formulação de Freud para designar a autoconservação).

A mensagem enigmática, implantada, se situa, primeiramente, na âmbito da autoconservação. Mas ela é contaminada de sexualidade e tal conteúdo sexual, advindo do inconsciente sexual do adulto, se implanta, essencialmente, sem que próprio adulto perceba. A criança, excitada e seduzida pelo adulto, se esforça em seguida para traduzir a mensagem enigmática. A tradução da qual a criança é capaz deixa sempre à sua sombra um resíduo não-traduzido que se transforma, segundo Laplanche, em conteúdo inconsciente da criança. Assim começa o recalçamento originário que está no fundamento do inconsciente sexual recalçado da criança. O inconsciente, nessa perspectiva, não tem origem biológica. Ele vem pelo adulto. O primado do outro, contudo, não se cristaliza sob a forma de uma transmissão direta. Entre a mensagem do adulto e aquilo que forma o núcleo do inconsciente da criança há espaço para o trabalho de tradução próprio à criança. O inconsciente da criança, mesmo se inaugurado pela sedução exercida pelo adulto, é também uma produção própria da criança. Entre o inconsciente do adulto e aquele da criança há toda a espessura do trabalho psíquico próprio da criança. A Teoria da Sedução Generalizada de Laplanche²³ é também uma teoria tradutora do recalque e da formação do inconsciente; é uma teoria tradutora da origem

²² Sigmund Freud, “Du rebaissement généralisé de la vie amoureuse”, p. 131 (tradução brasileira: “Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (1912)”, p. 272. [Optamos por traduzir *Ichtriebe* por “pulsões do Eu” (N. T.)].

²³ Jean Laplanche, *Nouveaux fondements pour la psychanalyse. La séduction originaire*, Paris, PUF, 1987, pp. 123-125.

da sexualidade infantil.

Neste ponto, é preciso insistir que a intersubjetividade, na perspectiva da Teoria da Sedução Generalizada, é fundamentalmente assimétrica. Pois a comunicação aqui é *desigual*. Devido a sua imaturidade biológica, a criança depende dos cuidados do adulto e não pode escapar à sedução exercida por este último. A partir desse processo originário, o inconsciente exerce, e exercerá ao longo de toda a vida, um poder sobre as condutas e o pensamento da criança que se torna adulta, sob a forma de reatualizações da sexualidade infantil, perversa e polimorfa, conforme se discutiu anteriormente, e que perdura no adulto.

Do ponto de vista da teoria social, as implicações da gênese do inconsciente sexual se dão em vários níveis:

Na origem, a intersubjetividade é marcada pela desigualdade.

Em seguida, todas as dinâmicas intersubjetivas serão tributárias do inconsciente sexual recalçado (identificação, recalque secundário, culpabilidade, rivalidade, desejo, prazer, sedução, agressividade, dependência, transferência, “deformações” neuróticas etc.), que distorce todas as comunicações entre os humanos; e do retorno do recalçado (lapso, atos falhos, fantasias, sonhos, lembranças, sintomas neuróticos, perversos e psicóticos) que interfere nas condutas e nos atos de pensamento.

Antes de ser um adulto, todo indivíduo foi primeiro uma criança e, pela sua sexualidade, assim permanece. Como escreve Freud, “o inconsciente não envelhece”; este último instala no adulto toda uma série de vulnerabilidades e de orientações sexuais. A teoria social deve levá-las em consideração, sob pena de fundar expectativas errôneas no que diz respeito à

emancipação, na medida em que ela seria construída sobre uma antropologia ingênua, ignorante dos determinismos advindos do inconsciente e da sexualidade infantil, de cujo poder a psicopatologia geral não cessa de nos lembrar.

A situação antropológica fundamental sugere que a intersubjetividade começa, primeiramente, sob os auspícios da desigualdade, cujo núcleo fundamental se constitui pela relação *dominação* (pelo adulto)/*obediência* (da criança). Ou, em termos mais sociológicos, o ingresso na vida se faz pela alienação na vontade (ou na sedução) do outro. É, portanto, apenas secundariamente que se pode colocar a questão da emancipação. E tal emancipação passa inelutavelmente por um trabalho de si sobre si, graças ao qual um indivíduo (se ele chega a perlaborar aquilo que o mantém no seu estado de dependência infantil e nos conflitos alimentados por suas pulsões sexuais infantis) pode começar a se libertar de sua alienação no desejo do outro e contribuir, eventualmente, na luta contra a dominação e a injustiça.

A teoria da atribuição e as fontes psíquicas da emancipação

Muitos teóricos da sociedade tendem a supervalorizar o poder das determinações sociais sobre as condutas individuais porque a teoria do sujeito com a qual pensam a socialização é rudimentar demais. Pode-se identificar duas formas principais de supervalorização do determinismo social.

Na primeira categoria, encontram-se todas as variantes da “interiorização do social” no indivíduo; desde concepções

que reduzem a subjetividade a apenas um reflexo de condições objetivas ou as relações de produção, como no marxismo vulgar, até as concepções holistas-mecanicistas-positivistas que tomam a subjetividade toda por uma construção social datada historicamente e inflada artificialmente pelo romantismo e pela modernidade, passando pelas concepções que reduzem a análise das condutas humanas a um condicionamento de tipo behaviorista.

Na segunda categoria, encontram-se as concepções que se apoiam na psicanálise e privilegiam a segunda tópica freudiana, ordenada em torno das três instâncias que são o Isso, o Eu e o Super-eu. Nos culturalistas como Mead, ou nos anti-culturalistas como Marcuse, as determinações sociais são mediadas pelo Super-eu, pelo recalque ou pela repressão, ou mesmo pela mais-repressão, que fazem ressoar os imperativos nos conflitos das instâncias (Isso, Eu, Super-eu) e na gênese dos problemas psiconeuróticos.

Estas supervalorizações do poder do social sobre a “vida da alma” (*Seelenleben*) não consideram a resistência extraordinária do aparelho psíquico às coerções e às gratificações externas. Todo psicanalista faz cotidianamente a experiência, na clínica, da resistência da culpabilidade neurótica, ou da angústia de perseguição psicótica, a todas as incitações e coerções exercidas pelo exterior. Ao ponto que, mesmo sendo críticos em face de suas angústias neuróticas ou psicóticas, muitos indivíduos não chegam a superá-las, ainda que mobilizem toda a sua vontade, sua consciência e sua inteligência para se livrar delas. Assim, eles se tornam pacientes que se dirigem ao psicanalista

na esperança de, com ele, conseguirem livrar-se dos entraves neuróticos ou psicóticos que os impedem de se realizar.

Outros teóricos são mais sutis e identificam no uso da linguagem o principal meio através do qual a sociedade penetra no indivíduo e participa da formação da subjetividade, como Bakhtin e os sociolinguistas, ou, de modo mais próximo à psicanálise freudiana e à Escola de Frankfurt, como Norbert Elias²⁴. Este último vai muito além dos outros naquilo que ele identifica explicitamente como a criança no adulto e no primado da dominação exercida pelos adultos sobre as crianças, na intersubjetividade²⁵. No entanto, mesmo de acordo com Elias, a subjetividade é pensada sem referência à resistência que o inconsciente *sexual* recalcado e a *sexualidade infantil* opõem à socialização.

Em um texto bastante recente, Jean Laplanche abre uma nova via para pensar com as relações sociais são apropriadas subjetivamente por cada indivíduo. Esse texto se volta mais precisamente à questão do gênero: “*Pour introduire le genre dans la théorie sexuelle*”²⁶ [Para introduzir o gênero na teoria sexual]. No decurso de uma longa investigação sobre as ambiguidades sexuais de origens genéticas ou endócrinas, estudadas por pediatras e depois por psicanalistas (Money, Ovesey, Stoller), e sobre as novas formas de sexualidade, em particular a *queer*, estudadas pelos *feminist studies* e pelos *gender studies* (de Monique

²⁴ Norbert Elias, “Le concept freudien de société et au-delà”, in *Au-delà de Freud. Sociologie, psychologie, psychanalyse*. Paris, La Découverte, 2010, pp. 131-189 (em particular pp. 181 et 189).

²⁵ Norbert Elias, “La civilisation des parents”, in *ibidem*, pp. 81-111 (em particular pp. 88-89).

²⁶ Cf. Jean Laplanche. “Le genre, le sexe, le sexual”, in *Sur la théorie de la séduction*. Paris, Éditions In Press, 2003.

Wittig a Judith Butler, passando por Christine Delphy, Nicole Claude Mathieu, Gayle Rubin, Paola Tabet, Teresa de Lauretis, Leo Bersani, Maurice Godelier), Laplanche analisa os problemas postos pela aquisição do gênero.

Ele mostra que a identidade de gênero não é adquirida em um processo de identificação, mas começa por uma atribuição: o estado civil, o nome, o vestuário, as brincadeiras infantis etc., que constituem uma série de mensagens dirigidas pelos adultos à criança. Mensagens enigmáticas emitidas pelo inconsciente do adulto, na medida em que a maioria dos adultos teria dificuldade em dar uma definição e, sobretudo, em justificar, precisamente, o que significa “ser um homem” ou “ser uma mulher”. De modo que, ao atribuir um lugar nas relações de gênero à criança, o próprio adulto não sabe qual é o significado exato das mensagens que dirige à criança. Esta, não sem prejuízos, se esforça por traduzi-las com seus próprios meios e com a colaboração do “auxílio à tradução”²⁷, constituído pelos mitos, histórias e contos de fadas, nos quais a criança é envolta em função de cada meio cultural ao qual pertence. Da tradução que faz dessas mensagens, a criança tira uma concepção de seu pertencimento de gênero. A espessura psíquica própria a cada criança intervém na tradução a tal ponto que algumas delas tiram a conclusão de que seu gênero não corresponde a seu sexo (em particular os transexuais).

Convém insistir aqui que, para Laplanche, o gênero é uma relação construída socialmente, dada a partir do exterior,

²⁷ Francis Martens, citado em Jean Laplanche, “Trois acceptions du mot “inconscient” dans le cadre de la Théorie de la séduction généralisée”, in *Psychiatrie Française*, n° 37, 2006, p. 19.

que certamente não é sexual. Apenas secundariamente, para traduzir a mensagem do gênero, a criança se inspira em suas teorias sexuais infantis. Contrariamente a muitos estudos sobre o gênero, não seria o gênero que traduziria o sexo, mas o sexo que traduziria o gênero.

A atribuição é apresentada, portanto, para explicar a formação e as ambiguidades da identidade de gênero o no nível subjetivo, de modo diferente daquilo que é o gênero, objetivamente, sob a lente da análise sociológica. Mas a atribuição pode ter importância para outras dimensões sociais, como por exemplo na atribuição das crianças em função da cor da pele. Ela pode variar muito no âmbito de um mesmo grupo de irmãos, como mostra Valérie Ganem a respeito das crianças em Guadalupe²⁸. Parece, com efeito, que elas não são criadas da mesma maneira pelos adultos em função de sua cor de pele. Como as crianças traduzem essas mensagens enigmáticas de modo a construir suas próprias concepções de sua cor e de sua identidade?

Ao que parece, as relações de dominação não são subjetivadas da mesma maneira por indivíduos diferentes, e sua socialização, em particular o modo pelo qual eles tomam posição nas relações de dominação na esfera do trabalho, está longe de ser idêntica de um indivíduo para o outro. À luz da dinâmica atribuição-tradução, parece que as coerções sociais não penetram diretamente no aparelho psíquico da criança, mas passam por toda uma série de rearranjos indissociáveis da dinâmica tradução-destrução-retradução que será retomada infatigavelmente ao longo de toda

²⁸ Cf. Valérie Ganem, *La Désobéissance à l'autorité. L'énigme de la Guadeloupe*, Paris, PUF, 2012.

a vida. Uma retomada iterativa por razões externas e internas: externas porque as novas experiências intersubjetivas trarão mensagens suplementares para serem traduzidas; internas porque aquilo que não foi traduzido, tendo estabelecido um lugar no inconsciente recalcado, retornará inequivocamente (retorno do recalcado) em momentos que exigirão do indivíduo um novo trabalho de tradução.

Estamos distantes, neste ponto, de um condicionamento pelo ambiente ou de uma interiorização passiva de coerções sociais. Cada indivíduo se apropria da dominação social por um trabalho subjetivo de tradução, cujo resultado é pessoal e imprevisível. Mas existe um outro modo de resistência da criança à dominação, apesar da desigualdade criança-adulto que caracteriza a situação antropológica fundamental. O inconsciente sexual recalcado e, de maneira geral, a sexualidade infantil e as pulsões sexuais estão apenas excepcionalmente a serviço exclusivo da obediência, do consentimento, da resignação ou da alienação no desejo do adulto. Apesar da dominação exercida pelo adulto, a criança, levada por suas moções pulsionais, é fundamentalmente também uma criança que desobedece, que transgride as interdições, que recusa as ordens e que resiste à vontade, ou mesmo ao desejo do adulto.

Embora a criança dependa do adulto para o cuidado do qual não pode prescindir, ela é capaz de entrar em conflito com o adulto e de recusar a ceder às suas injunções. Por vezes, ao ponto de impor a este último os desejos que vem de seu próprio inconsciente sexual. E “*sua majestade, o bebê*” [“*his majesty the baby*”] pode tiranizar o adulto que toma conta dele; este se vê

reduzido em certos momentos ao estado de servidão à criança. Deste modo, em certas condições, a criança força o adulto a negociar acordos sobre os ritmos, sobre a alimentação, sobre as brincadeiras etc., ao ponto de contribuir para o estabelecimento de regras de organização da vida doméstica. Essa negociação diária dura por anos e chega a uma fase culminante na adolescência, na qual o adulto deve passar de concessão em concessão. O processo de negociação das regras da vida cotidiana e da organização de tarefas e papéis na vida doméstica é uma atividade deontica *in statu nascendi*, cujo alcance é considerável. É finalmente a criança que, ao negociar ou impor acordos normativos ao adulto, transforma esse adulto em um parente cuidador.

Neste contexto altamente desfavorável, do ponto de vista da dominação, de uma intersubjetividade assimétrica ou desigual – com sua origem na situação antropológica fundamental –, a criança adquire competências no que diz respeito à atividade deontica e começa sua formação para a *práxis*. Uma das formas principais de resistência desenvolvidas pela criança nesse contexto foi colocada em evidência de modo preciso por Patrick Pharo. Discutindo as vias exploradas por Freud para tratar da gênese do senso moral na primeira parte de *O Mal-estar na Civilização*, Pharo encontra uma lacuna em relação ao pensamento freudiano: “Aí se mostra, então, a influência alheia; ela determina o que será tido por bom ou mau. Dado que seu próprio sentimento não teria levado o ser humano pelo mesmo caminho, ele deve ter um motivo para se submeter a essa influência externa. Podemos enxergá-lo no desamparo e na dependência dos outros, e a melhor designação

para ele seria angústia diante da perda do amor (...) Portanto, inicialmente o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor²⁹.

Pharo opõe a esta concepção a ideia de que a criança, antes de fazer frente à interdição dos pais, recebe, de fato, a propósito desta interdição, uma mensagem enigmática.³⁰ O adulto, com efeito, enuncia aquilo que ela não deve fazer sob pena de infringir a moral, mas a criança pode constatar que o próprio adulto nem sempre respeita aquilo que ele a prescreve. O caráter enigmático desta mensagem que se diz e desdiz leva a criança a refletir por sua própria conta (leva a traduzir a mensagem enigmática). Uma atividade de pensamento, meditação e tradução que a conduzirá, talvez, a uma posição ética diferente do enunciado parental. Assim se delinea a possibilidade para um indivíduo traçar, por seu próprio trabalho de pensamento – a tradução-destrução-retradução –, o início de um caminho para a autonomia moral subjetiva. A formação da consciência moral não procederá, portanto, como estipula Freud, da angústia diante da perda do amor e de se ver só, mas, ao contrário, do poder de pensar contra o objeto do amor e de afirmar sua autonomia moral correndo o risco de se ver só. Primeiro passo em direção à via da emancipação diante do risco da alienação no desejo do outro.

²⁹ Sigmund Freud, *Malaise dans la culture*, in *Œuvres complètes. Psychanalyse*, volume XVIII, Paris, PUF, 2002, p. 311 (tradução brasileira: *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 70)

³⁰ Patrick Pharo, *L'Injustice et le mal*, Paris, L'Harmattan, 1996, pp. 99-121.

Conclusão

As referências à psicanálise na Teoria Crítica são diversas e contrastantes conforme sua dependência direta de Freud ou dos contemporâneos de Freud, ou mesmo dos autores pós-freudianos. Mas a própria referência a Freud não é unívoca. Procurei apresentar as grandes linhas daquilo que uma leitura de Freud centrada na teoria sexual implica para a questão da emancipação, e sobre a exegese que Laplanche faz dessa questão na Teoria da Sedução Generalizada (TSG). Ainda resta o problema espinhoso da pertinência desta leitura de Freud, que se diferencia daquelas de Reich, de Marcuse, de Horkheimer ou de Adorno. A Teoria da Sedução Generalizada seria uma leitura dentre outras que não se justificaria nem mais nem menos do que essas? Esta questão foi discutida em um debate entre Laplanche e um psicanalista do *Institut für Sozialforschung*: Martin Dornes. Este sustenta a ideia de que a TSG não é “um programa de pesquisa empírica que permite testar hipóteses”. Ele formula “dúvidas sobre a demonstrabilidade desta tese”. “Trata-se menos de hipóteses do que de axiomas”. Laplanche responde que a TSG não é “uma teoria holística” nem uma “rede de enunciados que se fundamentam reciprocamente uns aos outros” mas que ela “se fundamenta sobre enunciados largamente independentes uns dos outros”³¹.

Seria necessário retomar sistematicamente esta discussão, mas este não é o espaço para isso. Aquilo que podemos reter da oposição entre uma versão dessexualizada da psicanálise

³¹ Martin Dornes e Jean Laplanche, “Naissance de l’inconscient”. Seguida de “Réponse de Jean Laplanche”, in *Psychiatrie Française*, n° 37, 2006, pp. 45-62.

e a versão que lhe dá a Teoria da Sedução Generalizada é que esta lança um olhar bastante distinto, por um lado, sobre o problema da autonomia subjetiva, e, por outro, sobre a questão do consentimento ou da resistência à relação de dominação/servidão. Dito de outro modo, as versões que se opõem levam a análises divergentes das fontes psíquicas da dominação e da servidão. Considerar a sexualidade infantil é, inevitavelmente, ser suficientemente reservado em relação à bondade natural do ser humano e precavido do angelismo, ou mesmo da candura, que podemos encontrar em certos filósofos e também em certos psicanalistas que tomaram, talvez, distância demais em relação à metapsicologia freudiana.

Tradução: Inara Luisa Marin e Ricardo Lira

Revisão: Fernando Bee

“Théorie Critique et psychanalyse: quelle place pour la sexualité?” de Christophe Dejours foi publicado pela primeira vez em *Illusio*, n° 14/15 - 2016 (“Théorie critique de la Crise”, volume III), Lormont, Éditions du Bord de l’eau, 2016, pp. 223-239, e traduzido com permissão de Christophe Dejours.